



## Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

### O NAVIO, O MAR E A CIDADE

Em alto mar, a caminho de Nova York, Lucio Costa percebeu que tinha sim uma idéia de cidade na cabeça e que portanto iria participar do concurso para a escolha do projeto do Plano Piloto de Brasília. Onde o segundo parágrafo do relatório enviado à comissão julgadora naquele 1957: "Não pretendia competir e, na verdade, não concorro — apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada mas surgiu, por assim dizer, já pronta".

É no mar que, 50 anos depois, a solução possível do doutor Lucio apresenta-se aos interessados em dela tomar conhecimento. O navio-escola Brasil, em sua 21ª viagem de instrução de guardas-marinhas, leva a bordo uma exposição fotográfica que revela Brasília em dois momentos aos estrangeiros: o da construção propriamente dita e o de 50 anos depois.

Segundo a curadora Mercedes Urquiza, a exposição já foi vista por 15 mil pessoas nos portos onde o navio-escola ancorou (e continua ancorando). Já passou por Londres, Oslo, Estocolmo, São Petersburgo, Hamburgo, Lisboa, Cartagena. As fotos da construção são do sueco Ake Borglund, que veio a Bra-

sília em 1957. A esse registro, Mercedes somou fotos de Rui Faquini para apresentar ao mundo a cidade modernista que é patrimônio da humanidade.

Estocolmo, um dos portos onde o navio-escola ancora, é o lugar onde, em 2004, Mercedes reencontrou o fotógrafo Ake Borglund. Aposentado depois de cobrir três guerras no Oriente Médio e mais algumas no mundo ocidental, Borglund vive agora à margem de um lago. Lembraram do encontro no canteiro de obras de Brasília. Mercedes serviu de intérprete para o sueco que, em agradecimento, deu-lhe cópias das fotos que fez. Ake Borglund tinha vindo à América do Sul em férias. Quando soube que brasileiros construíram uma nova capital no

centro do país, veio para cá e registrou os primeiros dias do furacão de poeira e de homens no Planalto Central.

Como, de resto, os brasileiros temos a auto-estima no pé, os estrangeiros continuam valorizando muito mais que nós a assombrosa epopéia de operários, arquitetos e engenheiros embriacados no sertão goiano para construir uma cidade em menos de quatro anos. Para eles, ouvir os relatos do que foi a construção de Brasília e ver as fotos deve ser como assistir a um filme épico, que revela momentos maravilhosamente dramáticos da humanidade. A construção de Brasília foi um deles, mas dizer isso assim fica parecendo exagero. Mas, um dia, daqui a séculos

talvez, o Brasil ainda vai se orgulhar de seu feito da década de 50.

Enquanto isso, aqui vamos nós. Na quarta-feira passada, representantes do Ministério Público, da Unesco, da UnB, de conselhos comunitários e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal reuniram-se para lembrar os 20 anos de Brasília como patrimônio da humanidade. Doutor Ernesto Silva estava lá, claro, do alto de seus 92 anos. Propôs a criação de um conselho deliberativo (vejam bem, DELIBERATIVO), composto de oito cidadãos capazes de defender Brasília contra as agressões da especulação imobiliária (a maior delas), da negligência e da omissão. Doutor Ernesto foi aplaudido de pé.